

Empresários paulistas discutem investimentos

As elevadas taxas de juros estão desestimulando a retomada dos investimentos a longo prazo. Essa foi a maior preocupação manifestada, ontem, pela classe empresarial privada durante o "Fórum Gazeta Mercantil", que elegeu os melhores empresários de 1986. Apesar de se mostrarem confiantes nas medidas adotadas pelo governo para desaquecer a demanda exacerbada, os empresários advertiram que a alta dos juros é um fator que inibe a retomada dos investimentos.

Os empresários também se mostraram cautelosos com as perspectivas futuras de mercado, pois sabem que a euforia de consumo é passageira e pretendem primeiro ter a certeza em que patamar vai se estabilizar a demanda, antes de arriscarem grandes investimentos. E, na opinião do diretor da Fiesp, Paulo Francini, o grau de dúvidas para os investimentos a longo prazo são evidentes, já que se ganha mais nos investimentos de curto e médio prazos (onde o retorno é mais rápido), e, além disso, acredita que parte da retomada dos investimentos de longa maturação depende de uma definição por parte das empresas do próprio governo.

Um dos empresários que não demonstrou preocupação com as elevadas taxas de juros foi o presidente da Fiesp (Federação das Indústrias do Estado de São Paulo), Luis Eulario de Bueno Vidigal Filho. Na sua opinião, a alta dos juros não afeta os investimentos, porque não atingiu os financiamentos de longo prazo feitos pelo BNDES (Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social). E ressaltou que essa foi a única forma de controlar a demanda anormal e contornar os problemas de abaste-

cimento, pois os empresários não estavam conseguindo atender essa demanda.

Para o presidente da Associação Brasileira das Indústrias Eletro-Eletrônica (Abinee), Aldo Lorenzetti, a retomada dos investimentos é a meta que vai "coroar as medidas adotadas até agora pelo governo". Apesar de se mostrar confiante na retomada dos investimentos pela classe empresarial, Lorenzetti ressaltou que a taxa de juros se elevou a níveis preocupantes e, "se foi uma medida necessária para desaquecer a economia, por outro lado, pode inibir os investimentos". No seu entender, o ideal seria que as taxas de juros ficassem entre 25 e 28%.

Os empresários brasileiros deram um recado ao Governo: com as altas taxas internas de juros — elevadas, propositalmente, pelo Banco Central, para conter o consumo — a iniciativa privada não fará investimentos, enquanto o vice-presidente do Bradesco, Lázaro Brandão, confessava que a situação dos bancos havia melhorado, mas eles não têm recursos para bancar os investimentos de longo prazo, persistindo, ainda o sério problema da falta de liquidez no setor financeiro.

Há 8 dias, o Governo apelou para um instrumento de política monetária, elevando as taxas de juros no mercado, hoje cobradas entre 30 a 75 por cento ao ano, dependendo do tipo de financiamento. Por exemplo, a taxa de overnight, que há dez dias estava por volta de 15 por cento, disparou para 35 por cento ao ano, quando a inflação acumulada é de 3,8 por cento e projetada de 20 por cento ao ano. Esse comportamento, de certa forma, incentivou a especulação financeira.